

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS - FAV
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS EAD**

**PATRÍCIA GUEDES DA SILVA
SELMA ÂNGELA DE REZENDE
SÍLVIA OLIVEIRA DE QUEIROZ**

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS:

**O que nossas memórias contam sobre nosso processo de formação
docente?**

GOIÂNIA

2021

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autoras, autorizamos a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva das autoras. Ao encaminharem o produto final, as autoras e a orientadora firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1 Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

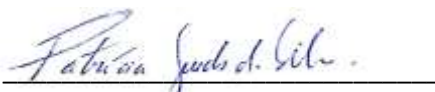
Nomes completos das autoras: Patrícia Guedes da Silva, Selma Ângela de Rezende e Silvia Oliveira de Queiroz.

Título do trabalho: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: O que nossas memórias contam sobre nosso processo de formação.

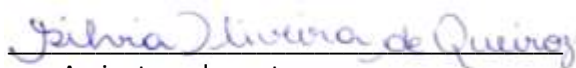
2 Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM [] NÃO¹


Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do arquivo em formato digital PDF do TCCG.







Assinatura das autoras

Ciente e de acordo: 

Assinatura da orientadora

Goiânia, 14 de Junho de 2021.

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta às autoras e à orientadora; b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo. Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro.

**PATRÍCIA GUEDES DA SILVA
SELMA ÂNGELA DE REZENDE
SILVIA OLIVEIRA DE QUEIROZ**

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS:

**O que nossas memórias contam sobre nosso processo de formação
docente?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciadas em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientadora: Prof^a. Dra. Lorena Pompei Abdala.

**GOIÂNIA
2021**

Ficha de identificação da obra elaborada pelas autoras, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Patrícia Guedes da. Rezende, Selma Ângela. Queiroz, Sílvia de Oliveira. NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS [manuscrito]: O que nossas memórias contam sobre nosso processo de formação? / Patrícia Guedes da Silva, Selma Ângela de Rezende, Sílvia Oliveira de Queiroz. - 2021.

47f.

Orientadora: Profa. Dra. LORENA POMPEI ABDALA.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2021.

Bibliografia.
Inclui fotografias.

1. Narrativas Autobiográficas. 2. Formação docente. 3. Arte educação. I. Rezende, Selma Ângela de. II. Queiroz, Sílvia Oliveira de.

III. ABDALA, LORENA POMPEI, orient. IV. Título.

CDU 7

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS – LICENCIATURA EAD**


**PATRÍCIA GUEDES DA SILVA
SELMA ÂNGELA DE REZENDE
SÍLVIA OLIVEIRA DE QUEIROZ**

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS:

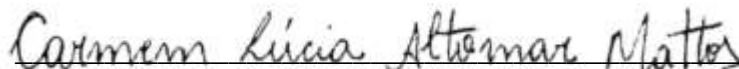
O que nossas memórias contam sobre nosso processo de formação docente?

Trabalho de conclusão de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciadas em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Defendido e aprovado publicamente em 21 de Maio de 2021 pelas seguintes membras da banca:



Prof^a. Dr^a. Lorena Pompei Abdala – Orientadora
Universidade Federal de Goiás



Prof^a. Ma. Carmem Lúcia Altomar Matos – Avaliadora
Universidade Federal d Goiás - EaD



Prof^a. Ma. Gisele Costa Ferreira da Silva – Avaliadora
Universidade Federal de Goiás

GOIÂNIA, 2021

À minha tia Meire, com afeto.

Patrícia Guedes da Silva

Dedico este trabalho aos meus pais (*In Memoriam*) ...

Selma Ângela de Rezende

À minha mãe Eliane, a todas(os) as educadoras(es) que passaram por minha vida e as(aos) futuras(os) alunas(os).

Silvia Oliveira de Queiroz

Agradecimentos

Às “manas” Selma e Silvia por todas as nossas narrativas de cura, aprendizagem e afeto. À Bani, minha namorada, por todo amor, sugestões e suporte durante todo o processo de escrita, suas narrativas de afeto na prática docente me inspiram e enchem meu coração de esperança freireana. Às professoras que seguraram na minha mão e não desistiram de mim. À minha família, que mesmo longe me cuida e apoia com um amor que é maior que o mar.

Patrícia Guedes da Silva

Agradeço as minhas amigas Patrícia e Silvia por não desistirem, por me acompanharem durante essa trajetória. Foram muitas conversas, muitas delas desesperadoras, mas a vontade de prosseguir sempre esteve presente. Chegamos até aqui. Agradeço ao meu companheiro de vida, Juliano pela paciência e o apoio que demonstrou em muitos momentos. Agradeço, também, a minha irmã Danielle por sempre acreditar, apoiar e me incentivar. Obrigado Deus pela força e coragem! Não desistimos!

Selma Ângela de Rezende

A Deus, por me conceder uma nova chance, aos meus filhos Pedro Manoel e João Vitor pela paciência e dedicação, aos meus pais Eliane Sidalcino e Luiz Carlos por serem minhas colunas de sustentação e as manas Patrícia e Selma por nunca terem soltado minhas mãos e por fazerem parte da minha história de vida.

Silvia Oliveira de Queiroz

Formar-se não é instruir-se; é antes de mais, refletir, pensar numa experiência vivida

[...]

Rémy Hess (1985)

RESUMO

Neste trabalho investigamos a importância de nossas histórias de vida em nosso processo de formação docente. Ancoradas na metodologia de pesquisa autobiográfica, aqui apresentada brevemente, compartilhamos e analisamos momentos individuais que marcaram nossa (auto)formação desde os anos iniciais até a graduação. E entrelaçamos nossas autobiografias a fim de compreender como cada história singular reverbera na construção coletiva de nossa identidade profissional e na nossa futura atuação como arte-educadoras, a escrita de si é também a escrita de nós.

Palavras-Chaves: Autobiografia; histórias de vida; autoformação; subjetividade; docência.

ABSTRACT

In this work we investigate the importance of our life stories in our teacher education process. Anchored in the methodology of autobiographical research, presented here briefly, we share and analyze individual moments that marked our (self) formation from the early years until graduation. And we intertwine our autobiographies in order to understand how each singular story reverberates in the collective construction of our professional identity and will reverberate in our future performance as art educators, the writing of oneself is also the writing of us.

Key words: Autobiography; Life stories; self-training; subjectivity; teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. COMPREENDENDO O MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO.....	15
2. TRECHOS DE UM DIÁRIO QUE FOI ESCRITO NA MEMÓRIA.....	20
3. VITÓRIA, A RUA QUE NÃO ERA RUA.....	28
4. “EU SOU NORMAL. O MUNDO É QUE É ESTRANHO.”	37
5. ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS: CONCLUSÕES FINAIS DO “EU” PARA “NÓS” E PARA “TODOS”	42
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

Pensar sobre a própria formação é algo que fazemos ocasionalmente, quando não conseguimos escrever bem, fazer contas ou mesmo passar em algum processo seletivo. Tudo isso está relacionado a uma travessia de conhecimentos testados para que se alcance ascensões diversas dentro da cultura socioeconômica capitalista da qual fazemos parte.

Percorremos outros caminhos antes de decidirmos escolher esse tema: Alfabetização visual; Análise de imagens em sala de aula; Arte feita por mulheres artesãs; Cinema; Educação, Feminismos, entre outros.

No processo de escolha do tema e estruturação do projeto, compartilhávamos nossas experiências acadêmicas boas e ruins e relatos pessoais de nossas aulas de arte, desde a educação básica até a universidade. Muitos traumas, conflitos, silenciamentos, descobertas, resistências e lápis a espera de traços. Assim surgiu a possibilidade de caminhar para nós mesmas, pois

Para Josso (2002) a abordagem biográfica é “um caminhar para si”, e que articula-se as diferentes significações que o sujeito constrói de si mesmo em suas narrativas, o que torna a narrativa um meio de reflexão e autoavaliação sobre suas experiências e aprendizagens ao longo da vida. (JOSSO, 2002 apud ALVES.2015, s/p.)

Josso (2014) registra em texto no final dos anos 70 e só agora tivemos acesso. escreveu um texto no final anos 1970, e que tivemos acesso agora com essa pesquisa sobre a formação do sujeito... ao sujeito da formação. Uma investigação-formação que procura compreender as seguintes questões “Qual é a formação do ponto de vista do sujeito?”, “Como se forma o sujeito?” e “Como aprende o sujeito?”. Na tentativa de compreender essas questões, na condição de pesquisadoras-sujeitas da própria investigação.

No primeiro capítulo, *Compreendendo a metodologia (auto)biográfica*, comentamos sobre a característica autobiográfica no trabalho de Frida Kahlo, Rosana Paulino e Leonilson e em seguida apresentamos o conceito pesquisa (auto)biográfica adotado, um breve contexto histórico dessa linha de pesquisa qualitativa e sua

importância em nosso processo de formação em diálogo com E Silva (2020), hooks (2018), Nóvoa et al. (2014), Santos e Garms (2010), entre outros autores.

Em *Trechos de um diário que foi escrito na memória*, Sílvia compartilha o caminho que percorreu até os dias atuais, a partir da sua história de vida e das vivências formativas que se tornaram fontes de pesquisa, autorreflexão, autoconhecimento e alcance de uma consciência profissional auto formativa que tem como primícia a compreensão, os próprios saberes e sua aplicabilidade enquanto futura arte-educadora.

Já Selma escreve o terceiro capítulo *Vitória, a rua que não era rua*. Resgata em suas memórias o seu trajeto. Através de diários, fotografias pessoais, conversa com familiares, tudo isso para extrair de suas experiências formativas, aspectos significativos que atravessam a sua existência. Tarefa complexa que produziu a compreensão de que as marcas adquiridas, refletirão na sua atuação em sala de aula.

Em *“Eu sou normal. O mundo é que é estranho.”*, Patrícia reencontra personagens e vivências que marcaram suas escolhas e trajetória a esse curso de licenciatura. Rupturas e descobertas possíveis graças a essa metodologia autobiográfica, que possibilita a partir de memórias, autorreflexões, diálogos e curas, uma abordagem ressignificada da arte-educadora em processo de formação.

Dessa aproximação através das narrativas dialogicamente no último capítulo *Entrelaçando histórias: do “eu” para “nós” e para “todos”*. Discutimos a importância de voltar-se para si, como primeira escrita acadêmica, o instrumento para conseguir a melhor compreensão de quem somos e em quem estamos nos tornando, pois entendemos que

o ser em formação só se torna sujeito no momento em que a sua intencionalidade é explicitada no ato de aprender e em que é capaz de intervir no seu processo de aprendizagem e de formação para favorecê-lo e para reorientá-lo (JOSSO, 2014, p76)

A partir da nossa formação, foi possível uma reorientação e alinhamento a partir desse exercício (auto)biográfico. A subjetividade como objeto de pesquisa reverbera na

linguagem escolhida. Nos capítulos individuais a escrita ocorre na primeira pessoa do singular, porém no último capítulo há a mudança para primeira pessoa do plural.

Vale ressaltar que o jeito Ubuntu “eu sou porque nós somos” de fazer pesquisa é a premissa desse trabalho. Intervir na própria aprendizagem é um ato ainda transgressor, e vivenciamos isso, cada uma a sua maneira durante nossa vida escolar. Portanto, descobrimos que era urgente escrever sobre nós mesmas, para reorientar nossa futura prática docente e escrever sobre outros temas, hooks (2018) provocou para essa investigação-formação tão importante, a nós futuras arte-educadoras, inclusive.

1 COMPREENDENDO O MÉTODO AUTOBIOGRÁFICO

Antes de escrever sobre essa metodologia, compartilhamos aqui três artistas que tem marcado em sua obra questões autobiográficas: Frida Kahlo, Rosana Paulino e Leonilson e suas contribuições.

Dentro da Arte podemos encontrar artistas que caminharam com suas obras lado a lado com as narrativas autobiográficas. Frida Kahlo é sem dúvida uma artista que traz em suas obras sua narrativa de vida. Seus quadros expressavam fatos ocorridos em sua vida, sentimentos, ideais, opiniões e posições políticas. Obras como: *A Coluna Quebrada* (1940), *Hospital Henry Ford - A Cama Voadora* (1932), *Autorretrato em um vestido de veludo vermelho* (1926) são representações artísticas de momentos da vida de Frida como seu estado de saúde e as dores que sofria, os abortos sofridos (refletindo sofrimento em relação a maternidade e as dores das mulheres). A respeito de suas obras e a expressão de seus processos, Frida declarou: “Eu sou minha única musa, o assunto que conheço melhor”. As telas de Frida retratavam as várias facetas de seu corpo e vida, ela encarava a arte como forma de resistência. (MARCELLO, 2017)

Neste processo de trabalhar arte junto as memórias e as representações identitárias, outra artista que como Frida Kahlo trabalharam suas autobiografias atreladas a suas obras é Rosana Paulino.

Paulino reelabora imagens e histórias pessoais, recorrendo a fotografias de seus antepassados e às suas próprias vivências em suas obras.

Exemplo importante em que a memória afetiva e o saber erudito se amalgamam, formando um conjunto de xilografias que compõem a série *Jonas*. Nela, a artista se espelha no protagonista da história bíblica que lhe fora narrada desde a infância. Há uma calculada proximidade com a obra de Oswaldo Goeldi, tanto pelo procedimento técnico da gravura, quanto pelo estranho imaginário que faz interagir o peixe gigante e a mulher solitária. Porque Jonas aqui é uma mulher, que, em imagens extremamente melancólicas, mergulha no mais profundo isolamento para emergir transformada ao final. A viagem de Jonas é, na obra de Paulino, uma metáfora do seu próprio percurso. É nos momentos em que recua ao local mais íntimo dos afetos que sua obra atinge extraordinária potência. Para a artista “sua obra se nutre da memória, que pode ser pessoal e íntima, ou coletiva”. (BEVILACQUA, PALMA e DOLCI, 2018)

Assim como nas obras de Kahlo e Paulino, José Leonilson Bezerra, trazia suas obras impregnadas por sua subjetividade. Suas opiniões, ideais, sentimentos e a

forma de ver o mundo estavam expressos em suas obras. A obra de Leonilson é predominantemente autobiográfica e se passa nos últimos dez anos de sua vida. Após descobrir estar com HIV, em 1991 a doença repercutiu fortemente em suas obras. “Em O Perigoso (1992), série de sete desenhos, trata com ironia a própria condição. No primeiro desenho, há uma gota do seu sangue, infectado. Nos outros, pequenas figuras de mãos associadas a procedimentos médicos ou crucifixos são mescladas a diversas palavras, como nomes de flores, adquirindo uma dimensão alegórica relacionada à simbologia cristã da pureza e da morte. Alguns trabalhos desta fase podem ser vistos como autorretratos. Por exemplo, em El Puerto (1992), um espelho coberto com retalho de uma camisa do artista contém, bordadas com linha azul, informações sobre sua idade, peso e altura. É uma obra que versa sobre o luto e a ausência da figura. A instalação na Capela do Morumbi, de 1993, seu último trabalho, tem um sentido espiritual. Nos tecidos leves e brancos expressa a fragilidade da vida. Há referências irônicas à autoridade e à hipocrisia, nas camisas moles que revestem as cadeiras e nos bordados "da falsa moral" e "do bom coração", mas também à esperança, em "Lázaro". (LEONILSON..., 2021)

A metodologia autobiográfica surgiu na Alemanha no século XIX, como alternativa à sociologia positivista e, foi aplicada sistematicamente em 1920/1930 por sociólogos americanos da Escola de Chicago (NÓVOA, 2014).

Segundo Moura (2004) as décadas seguintes foram de retração desse método na Sociologia, mas a partir dos anos 1980 reaparece e largamente utilizado no campo educacional. Entre os estudos de interesse as (auto)biografias de professores. Atualmente existem pesquisas autobiográficas aplicadas a contextos educacionais em várias partes do planeta. No Brasil

[...] as pesquisas desenvolvidas na pós-graduação em Educação, centradas em fontes (auto)biográficas, decorrem da criação e do empenho de grupos de pesquisas que se voltam para as narrativas autorreferenciais e investigam os aportes teórico-metodológicos do trabalho com as escritas de si como prática de pesquisa-ação-formação e como método de investigação em diversas áreas do conhecimento em educação. (SOUZA; PASSEGGI, 2011, p.329)

A Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (Biograph)² fundada em 2008, tem um acervo significativo, onde encontramos parte das referências presentes no corpo do trabalho. Esse acervo é responsável pela Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (RBPAB), o que confirma a prática da pesquisa (auto)biográfica desde sua eclosão nos anos 1980 até a contemporaneidade.

Para Santos e Garms (2010, p.4095) essa metodologia “foi concebida como a ciência das mediações capaz de traduzir comportamentos individuais ou microssociais.” As autoras ponderam que há muitas críticas a esse tipo de pesquisa, pelo valor de conhecimento que é dado à subjetividade e por ir na contramão de uma prática de hipótese e verificação estabelecida no campo das ciências sociais, assumindo o caráter heurístico.

As narrativas aqui compartilhadas tem relação direta com nosso processo de formação docente e se estruturam para sustentar essa investigação que se caracteriza como

Pesquisas que abordam narrativas auto(-biográficas) envolvem, necessariamente, relações com a memória. Por sua vez, a memória se conecta à identidade estabelecendo uma interligação entre si. Compreendemos, assim, que a construção da identidade é alimentada pela memória (E SILVA, 2020, p.1409)

A de se considerar que a memória e identidade estão interligadas nesta pesquisa. Em nossas vivências encontramos elementos para discutir o porquê de estarmos agora finalizando o curso de licenciatura em Artes Visuais e que arte-educadoras estamos nos tornando. A importância da investigação de nossas narrativas pessoais caminha coletivamente, uma vez que memórias individuais existem porque coletivas também. Compreendemos que é preciso “achar a própria voz para poder falar livremente sobre outros assuntos” (hooks,2018, p.99).

Encontrar a própria voz aqui enquanto arte-educadoras em formação é um exercício autorreflexivo e autoanalítico que resulta numa autoformação onde a

2 Site da BIOgraph: <https://biograph.org.br/>

subjetividade intersubjetiva é objeto de pesquisa dentro de uma elaboração da personalidade e da profissionalidade pois segundo Nóvoa (2009)

Estamos no limiar de uma proposta com enormes consequências para a formação de professores, que constrói uma teoria da personalidade no interior de uma teoria da profissionalidade. Assim sendo, é importante estimular, junto dos futuros professores e nos primeiros anos de exercício profissional, práticas de autoformação, momentos que permitam a construção de narrativas sobre as suas próprias histórias de vida pessoal e profissional. Refiro-me à necessidade de elaborar um conhecimento pessoal (um autoconhecimento) no interior do conhecimento profissional e de captar (de capturar) o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica. Toca-se aqui em qualquer coisa de indefinível, mas que está no cerne da identidade profissional docente (NÓVOA, 2009, p.39)

E assim, como esse autor, levamos em consideração no processo formativo as nossas referências pessoais. Ao longo de nossas vidas experienciamos/observamos a prática docente/discente de maneiras distintas e partilharemos nos capítulos seguintes. Cabe ainda dizer que é uma partilha seletiva e em sintonia com os tipos de materiais presentes na pesquisa autobiográfica utilizaremos os dois tipos de materiais propostos por Ferrarotti (2014). Os primários: nossas narrativas autobiográficas e os secundários: materiais diversos, como cartas, diários, portfólios, cadernos de registro de experimentações (CRE) documentos oficiais, históricos escolares, fotografias, narrativas de outras pessoas sobre nossas jornadas e escolha profissional.

Como nosso recorte principal é a reflexão sobre nossa prática como futuras arte-educadoras concordamos com Santos e Garms (2010) pois

Ressalvadas as condições estabelecidas pelo método, as narrativas (auto) biográficas se constituem instrumentos de investigação profícuos também para a análise da questão da formação de professores, pois a subjetividade das narrativas individuais (singulares) pode evidenciar o que ocorre no plano social. (SANTOS e GARMS,2010, p.4098)

Atuar no plano social é fazer com que narrativas pessoais se encontrem e construam histórias coletivas de ensino e aprendizagem atravessadas pelos afetos, memórias e trajetórias pessoais de cura. Nós nos (auto)pesquisamos para compreender um pouco mais a complexidade dessa escolha profissional e sua influência no devir docente.

Contrária a perspectiva objetiva, quantitativa e impessoal de pesquisas orientadas pelo positivismo, a pesquisa de caráter auto(biográfico) considera questões subjetivas e tem caráter qualitativo.

Nossa intenção não é a de

[...]tomar as biografias como “exemplo” ou “caso” empobrece seu uso, pois contraria o pressuposto da subjetividade inerente ao método. Desse modo, tomar uma narrativa biográfica para confirmar certos aspectos e generalizá-los, ou ainda apelar por sua representatividade, nega o caráter do método. (SANTOS; GARMS, 2014, p.4096)

Nesse recorte a subjetividade apresenta caráter científico e é o que propomos nessa pesquisa pois tem potencial investigativo e formativo. As narrativas pessoais são valorizadas por disciplinas como a Psicologia, a Filosofia, a Linguística, a Educação e a Literatura, por serem úteis para avaliar a repercussão das experiências de vida e autoformação nas práticas profissionais, além de terem um potencial na organização de pensamentos e da realidade na estruturação de aprendizagens.

Dessa forma, ao resgatarmos nossas histórias de vida, falarmos e registrarmos nossos processos mudamos o pensar e o atuar de forma crítica e reflexiva. Temos nossas metas enquanto docentes em formação e questionamos sobre nossas perspectivas quanto ao ensino.

2 TRECHOS DE UM DIÁRIO QUE FOI ESCRITO NA MEMÓRIA

No momento da escrita dessa autobiografia, ainda sou estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais à distância pela Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Refletindo sobre o processo de aprendizagem e o caminho percorrido até aqui na busca por conhecimento, posso constatar que minha história de vida, experiências e tudo que vivenciei durante o percurso de formação, podem ser transformadas em fonte de pesquisa, reflexão e projeção da consciência profissional, pois segundo Josso

A reflexão biográfica permite, então, explorar em cada um de nós (se nós somos capazes de imaginar e de acreditar na possibilidade de poder, querer e ter, a desenvolver ou a adquirir, saber-fazer, saber-pensar, saber-escutar, saber-nomear, saber-imaginar, saber-avaliar, saber-perseverar, saber-amar, saber-projetar, saber-desejar, etc.) as emergências interiores que nos dão acesso ao processo de descoberta e de pesquisa ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas” (JOSSO,2008,p.20 apud LOSS,2015, s/p)

Desse modo, utilizo do método autobiográfico como um dispositivo de autoconhecimento e desenvolvimento profissional, para minhas futuras escolhas e ações docentes. A escolha de práticas, ações e metodologias sejam pautadas na ética, na interação, na socialização, na empatia e no respeito mútuo; gerando assim relações afetivas e transformadoras.

É de suma importância salientar que o processo de formação pessoal, social e profissional individual, se dá ao longo do ciclo da vida. Assim sendo, acredito na importância de se ter uma formação continuada, suscitando intimamente a condição perpétua de aluna/professora ou professora/aluna.

E dispondo dessa prática, permeada pelo autoconhecimento e de acordo com a perspectiva de Josso (2007, p. 415)

[...] a narração de cada participante, permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar. (JOSSO, 2007, p. 415)

E na busca de um futuro profissional consciente, faço dos meus percursos pessoais uma provocação auto formativa e para isso abduco do meu anonimato e assumo o papel de protagonista nos relatos subsequentes.

Apesar de uma infância marcada pelo abandono, negligência e problemas familiares. Frequentemente as minhas memórias me remetem a uma infância de ideias criativas, genuínas e motivadas pela curiosidade em experimentar, bem como a vida escolar que possibilitava vivenciar e criar de forma orgânica, despretensiosa, quase acidental.

Antes de ter acesso à educação formal, meu pai optou por me alfabetizar em casa, comprou uma cartilha e cadernos e com o apoio e incentivo de duas primas, iniciou-se esse processo em minha vida.

Ainda na primeira infância, eu amava arrancar as flores, folhas e galhos do jardim da minha avó para compor personagens; fadas, bruxas, heroínas e guerreiros que logo se transformavam em meus amigos imaginários e faziam parte de minhas aventuras no meu mundo utópico.

Nessa mesma época, eu colecionava imagens reproduzidas em cadernos de desenho com as famosas canetas esferográficas de quatro cores, figuras recortadas de revistas, catálogos promocionais, figurinhas de álbuns, desenhos produzidos utilizando moldes do tipo stencil³ também faziam parte do meu acervo particular.

Recordo-me de outros experimentos como pegar um papel em branco, diante da máquina de costura que minha avó, agulha posicionada (sem linha), imaginava que o papel era um “volante” de automóvel. Esse movimento da agulha perfurava o papel produzindo pequenos buracos que interligados faziam surgir imagens, e eu buscava identificar com imagens já existentes no meu repertório visual.

Houve também um tempo em que eu inventei uma brincadeira chamada “cor”, onde eu misturava em pequenos frascos tudo que encontrava como: detergente, xampu, água, pigmentos extraídos de flores, folhas, temperos etc., criando assim as “minhas cores”. Também colecionava areias extraídas de um pequeno morro próximo

3 Segundo o dicionário criativo, stencil é “um material (papel, metal, cera, etc.) perfurado com um desenho ou texto, usado para imprimir sobre uma superfície”. Disponível em: <https://dicionariocriativo.com.br/significado/est%C3%A0ncil>.

de minha casa e esculpia nos barrancos de terra (formados pelas erosões). Tudo despertava e motivava a minha imaginação e criação.

Em 1985 ingressei no ensino formal, no Colégio Estadual Deputado José Alves de Assis, em Aparecida de Goiânia, Goiás e finalizei no ano de 1999, com a conclusão do ensino médio no Centro de Estudos Supletivos situado no Setor Universitário em Goiânia, Goiás. Durante esse percurso, vivenciei diversas transferências de escolas, reprovações, desistências, estudos a distância (exames supletivos), progressão de estudos na EJA (Educação para Jovens e Adultos).

A falta de apoio familiar e orientação por parte de responsáveis, agravados pelo preconceito e descaso por gostar “desenhar”. E a hostilidade de algumas professoras, contribuíram para muitos traumas e quase impediram a minha continuidade nos estudos.

Com certeza esses desencontros foram fundamentais para a escolha da minha graduação. Desse modo, reforça Freitas e Galvão (2007 apud SANTOS; GARMS,2014, p4103), que

Olhar para o passado pode ajudar-nos a encontrar explicação para significados nas ações que temos hoje como pessoas que foram construindo um percurso pessoal e profissional rico de cruzamentos com os outros e a dar sentido ao nosso posicionamento como professoras e formadoras de professores. (FREITAS; GALVÃO, 2007, p.2 apud SANTOS; GARMS, 2014, 4103).

Na pré-alfabetização, lembro-me que as atividades artísticas, eram relacionadas às artes cênicas, dança e a música. Havia ensaios com a banda escolar, formada por alunos de todas as turmas, para as apresentações em as datas comemorativas.

As produções plásticas se concentravam em colorir com lápis de cor ou caneta hidrográfica, além de colagens com sementes e papéis de diversos tipos (crepom, laminado, camurça, seda), sobre desenhos mimeografados que remetiam a uma data comemorativa específica. Essa prática tão comum, reforçou estereótipos e padronizou a execução de “desenhos bonitos”, sugerindo cores, formas, traços, repletos de padrões sociais que limitariam minha espontaneidade e criatividade até os dias atuais.

Sobre isso Mèredieu (1974) destaca que

[...] Quem esteve em contato com crianças ou então manipulou uma grande quantidade de desenho, sabe bem que nem todos demonstram uma expressão espontânea. A utilização de estereótipos, a imitação e a cópia são freqüentes

, e uma das principais dificuldades com as quais se defrontam os “métodos de expressão livre” está precisamente na amplidão e na profundidade do condicionamento ao qual a criança está submetida. (MÉREDIEU, 1974, p.102).

Entretanto, recorde de uma sala de aula em particular, com uma parede de vidro, reservada ao lado da secretária escolar, onde as produções plásticas mais elaboradas eram expostas junto a troféus de campeonatos e gincanas estudantis. Deduzindo que apenas os alunos das séries finais e do Ensino Médio tinham condições de ter seus trabalhos expostos.

Vale ressaltar um dos trabalhos em especial, capaz de atrair a inúmeras visitas para observá-lo. Uma colagem com cacos de vidros, acho que de para-brisa de carro, essa obra serviu como referência para uma de minhas produções anos depois.

Na educação formal não houve experiências significativas no componente de Artes Visuais, como revela os meus históricos escolares, trazendo a presença tímida ou até mesmo a ausência desse componente conforme as Figuras 01 e 02.

Figura 01. Histórico Escolar Ensino Fundamental digitalizado.

Fonte: Acervo pessoal de Silvia Oliveira de Queiroz (1998).

Figura 02. Histórico escolar Ensino Médio EJA (Educação Jovens e Adultos)

ESTADO DE GOIÁS
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E CONTINUADA
CENTRO DE ESTUDOS SUPLETIVOS

HISTÓRICO ESCOLAR DO ENSINO (MÉDIO)

ESTABELECIMENTO

UN. DE ORIGEM		CENTRO DE ESTUDOS DE JOVENS E ADULTOS		MUNICÍPIO	
E. P. S. S. S. S.		772 224		L. L. S. S. S. S.	
ENDREÇO		LITERA		SILVANA	
E 722 224, URBANIZAÇÃO		Goiânia		74 405 100	
				718 1347	
ALUNA SILVANA OLIVEIRA DE QUEIROZ					
DATA DE NASCIMENTO		NASCIMENTO		E. P.	
19 / 04 / 1979		Goiânia		00	
		FILIAÇÃO		SOLTEIRO	
SITUAÇÃO ALTA DE ESTUDOS = SILVANA OLIVEIRA DE QUEIROZ					

DESEMPENHO	A. N. O.	ESTABELECIMENTO	CIDADE	E. P.
1º Período	94	Colégio Públ. URBANIZAÇÃO	Goiânia	00
2º Período	17-94	Centro de Estudos Supletivos	Goiânia	00
3º Período	04-95	Centro de Estudos Supletivos	Goiânia	00
4º Período	12-95	Centro de Educ. de Jov. e Adultos	Goiânia	00

DISCIPLINA	1º Período				2º Período				3º Período				4º Período			
	NOTA	PROV.	C. A.	E. P.	NOTA	PROV.	C. A.	E. P.	NOTA	PROV.	C. A.	E. P.	NOTA	PROV.	C. A.	E. P.
Português	54	54	54	54	70	70	70	70	50	50	50	50	50	50	50	50
Matemática	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70
C. E. M. Inglês	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70
História	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70
Geografia	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50
Física	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50
Química	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50
Biólogia	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70
Arte	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50
Ed. Física	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70
Ed. Ambiental	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70	70
Religião	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50	50
E. P. S. S. S. S.																
Goiânia 14 = notas de 1º a 4º Período C. H. T. 0.504																

ASSINATURA DO ALUNO:
 ASSINATURA DO RESPONSÁVEL:
 GOIÂNIA, 14 de maio de 2004.

Fonte: Acervo pessoal de Silvia Oliveira de Queiroz (2000).

Mesmo enfrentando dificuldades financeiras, era atendida nas minhas prioridades, pois a vontade de experimentar diversos materiais era sempre priorizada. Certa vez quando fui indagada por meu avô materno sobre o que gostaria de ganhar de aniversário, o objeto escolhido não foi um brinquedo e sim uma caixa de lápis para colorir com vinte e quatro cores; considerado um artigo de luxo na época e fora do padrão econômico em que vivíamos.

Hoje compreendo o quão essenciais na minha decisão por essa graduação foram essas experiências. Em minhas recordações, as caixas de lápis eram materiais de uso controlado, sendo usados somente em atividades importantes e em seguida

eram guardados sempre na mesma sequência de cores, como um ritual que me proporcionara satisfação.

Apesar do meu desejo em relatar sobre as minhas experiências, tanto boas quanto ruins nas Artes Visuais, houve também outros componentes e seus respectivos docentes que conjuntamente despertaram em mim os mesmos sentimentos.

Como citado anteriormente, sempre apreciei as plasticidades e em um determinado período, essas se materializavam em forma de “lettering” nas capas dos cadernos, em margens compostas por arabescos. Em um determinado dia, durante a correção de uma atividade de casa que eu não havia feito porque eu estava ausente, fui surpreendida (talvez por estar concentrada, usufruindo de algum prazer que essa prática sempre me trazia), com xingamentos, socos na cabeça e puxões de cabelo, vindos da minha professora de Estudos Sociais e Estudo Religioso. Tal atitude gerou em mim profundo sofrimento, angústia e vergonha. Esse trauma deixou marcas de vergonha e medo, contribuiu para uma insegurança recorrente, principalmente quando reencontrava essa professora.

É pertinente destacar que a imaturidade emocional pode fazer mal a nós mesmos e as pessoas que nos rodeiam (Goleman,1997 apud LOSS, 2015). Sendo assim, as atitudes aqui mencionadas, só revelam a falta de ética, ausência de empatia, sensibilidade, controle das emoções, provocando uma troca de experiências negativas.

No Ensino Médio, estando na fase adulta, conciliar o trabalho em uma secretaria escolar, e os estudos na modalidade EJA, e novamente vivencio um cenário carente de aulas dedicadas para o Ensino de Artes. Em dois períodos esse componente nem fazia parte do componente curricular, conforme ilustrado na Figura 02 deste capítulo.

As aulas de Artes eram constantemente cedidas para a realização de outras atividades como: provas, reposição/reforço de algum conteúdo, de outras disciplinas, reforçando assim a falta de valorização a esse componente.

Portanto lembrar meu processo de escolarização não tem sido uma tarefa fácil, visto que as relações durante essa época eram conflituosas e por isso é natural não destacar algo relevante que tenha contribuído para a minha escolha profissional. Nesse sentido a intenção é desromantizar o processo de escolarização e sim construir novos caminhos a partir das experiências que vivi nesse decurso.

Em 1999, após concluir o Ensino Médio, me inscrevo ao processo seletivo de Bacharel em Artes Visuais pela FAV/UFG. Porém fui reprovada no teste de aptidão. Ressalto que até a presente data não identifico qual foi o “desacerto” que justificou esse resultado.

Em outra tentativa, consegui aprovação para o mesmo curso e como já trabalhava em uma escola fui promovida de secretária para professora de Artes Visuais. No entanto, me tornei o que mais temia ser, uma professora autoritária, intolerante, punitiva, como muitas que eu havia conhecido.

E na faculdade local de formação acadêmica, enfrentava inúmeras críticas e constrangimentos, certa professora frequentemente afirmava que eu jamais iria alcançar os níveis satisfatórios para aprovação em sua disciplina, por ser “uma pessoa sintética”.

Infelizmente devo confessar que reproduzi as mesmas condutas negativas que tanto reprovava. A falta de empatia, críticas destrutivas, comparações e descontrole emocional, condutas que seguramente provocaram nos meus alunos, as mesmas que carregou em mim, apesar disso eu era aprovada pelos pais e supervisores, pois os “resultados esperados”.

Porém em 2001, engravidei do meu primeiro filho e por motivos pessoais abandonei a graduação. Contudo o meu sonho por cursar a graduação me impulsionou a prestar mais um vestibular e novamente em 2007, quando já estava grávida do meu segundo filho, participei de outro processo seletivo, agora para Licenciatura em Artes Visuais na modalidade de Ensino a Distância ao qual fui aprovada e mais uma vez esse sonho foi adiado por circunstâncias de pessoais.

Em 2017, decido participar de mais uma seleção e retomo a minha vida acadêmica. Dessa vez, vejo esse espaço com olhos de maturidade, me sinto acolhida

e apoiada para terminar essa caminhada. Nesse percurso encontro mulheres, professoras, amigas inspiradoras que têm sido muito importantes na minha formação e fortalecimento. Mulheres que se fizeram de ponte para que eu pudesse passar, me deram pés para caminhar, asas para voar, velas para navegar e o caminho de esperança para eu sonhar e acreditar em uma educação afetiva e transformadora.

Sendo assim e para encerrar o meu relato, reforço a importância do hábito a reavaliação e reflexão das atitudes e ações do Eu para com o Outro, pois dessa forma podemos identificar aquilo que não nos é adequado, possibilitando mudanças e ajustes favoráveis ao desenvolvimento do indivíduo.

3 VITÓRIA, A RUA QUE NÃO ERA RUA

Meu nome é Selma Ângela, tenho 40 anos, casada e mãe de cinco filhos homens. Na tentativa de narrar minha história de vida neste processo enquanto docente em formação, cursando o oitavo semestre do curso de Licenciatura em Artes Visuais à distância, precisei olhar para trás e rever meu trajeto até aqui.

Relembrar e esmiuçar o passado através de fotografias, diários e conversas com familiares para extrair das memórias minhas experiências enquanto pessoa em formação, não é um exercício simples. Existe um acervo de memórias construtivas e destrutivas, conseqüentemente esta imersão e resgate pode ser prazerosa, porém concomitante dolorosa.

A mente tem suas formas de trabalhar e cada um encontra caminhos diferentes para a acessar. Em minhas experiências as “coisas” vivenciadas na construção de minha identidade enquanto discente e de que forma esse processo de formação me auxiliam na docência em Arte Educação.

Concluí o Ensino Médio no ano de 1997, no Colégio Estadual Novo Horizonte, em Goiânia-Goiás. Porém, somente em 2017, através do processo de vestibular pude iniciar o curso de Licenciatura em artes Visuais EAD pela FAV/UFG. O qual dedicamos este Projeto que visa o Trabalho de Conclusão de Curso.

Segundo Larrosa “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. (Larrosa, 2001, p.21). É preciso (re) significar nossas lembranças, nossas experiências. É neste sentido, com este movimento de olhar para trás e (re) significar os processos vividos e caminhos escolhidos onde me encontro e me reconheço e tomo consciência da futura docente que serei me interrogando “Que tipo de docente quero ser? Como minhas experiências de vida irão me afetar enquanto arte-educadora?”. Para Larrosa,

[...] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”. (LARROSA, 2002, p. 28).

Aos seis anos iniciei meus passos rumo à pré-alfabetização (como era chamada). Escola Municipal Jamel Cecílio, Jardim Vila Boa, um quarteirão acima da

viela onde morávamos eu e minha família, pai, mãe e quatro irmãos. Ironicamente Rua da Vitória, a última rua do Bairro, a rua que não era rua e apesar do nome, trazia dor nos dias de chuva, pois toda a água do bairro vinha em forma de enxurrada e passava dentro de casa levando consigo muito mais do que apenas objetos.

Primeiro dia de aula, a melhor roupa, banho tomado, cabelo penteado, fita colorida no cabelo (Figura 3). Nas mãos a pasta verde com caderno, caixa de lápis de cor pequena, com apenas seis unidades, lápis e borracha. Que felicidade! Me recordo do sentimento. Desejava muito aprender a ler.

Lembrança de alegria quando recebi minha primeira cartilha, entusiasmada, costumava ler para minha mãe, enquanto ela cozinhava ou se ocupava com seus afazeres domésticos. As vogais associadas a desenhos sempre traziam algo novo, um mundo de possibilidades e combinações, versos e esperança.

Guardo na memória a decoração da escola, dos desenhos nos corredores, quadro de avisos, flores coloridas de papel por todos os lados, era um sonho. No Natal, árvores-de-natal e guirlandas em todas as portas e em junho bandeirolas para São João.

Em 1987 meu pai passou a receber um salário melhor, como isso ele decidiu transferir os filhos para uma escola particular. O seu desejo era dar uma oportunidade melhor aos filhos, essa mudança foi recebida com muita satisfação, pois qual é o pai que não deseja o melhor para os seus filhos?

Figura 3. Primeiro dia de aula (foto digitalizada)



Fonte: Acervo pessoal Selma Ângela de Rezende (1986)

Com as mudanças não havia lugar para o medo, era encantamento. A lista de materiais era maior, muitos cadernos, muitas canetas, tinta, lápis de cor, livros novos e etiquetas. Imaginava o quanto viver essa experiência seria maravilhoso. Infelizmente minha mãe ficou doente e faleceu em outubro daquele ano.

Mesmo ainda tão pequena, percebi que as coisas ficaram diferentes, mas não sabia identificar a dimensão e complexidade para minha vida. Com cinco filhos e viúvo meu pai contratou uma professora particular, então pela manhã estudávamos no Educandário Caminho Suave, também na Vila Boa e à tarde em casa com a professora Ellen (tia Ellen) que era sobrinha do dono da escola.

No ano seguinte mudamos de endereço, porém no mesmo bairro, Rua Princesa Isabel, tentativa de proporcionar maior liberdade aos nossos dias, fato que não ocorreu. Estudar pela manhã e no contraturno com a professora particular, com tarefas escolares, inúmeras cópias, extensos questionários e muitas horas decorando tabuada e os estados com suas respectivas capitais.

A escola deixou de ser um local agradável, a relação era diferente, pois eu era a filha do viúvo pobre. Certa vez estava cansada e baixei minha cabeça durante a aula. A professora me chamou, me levou em outra sala, me abraçou e me pegou no colo. Hoje sou grata por ela, por sua sensibilidade e humanidade, seu nome Darlene.

Quanto a minhas primeiras memórias desenhando, foi em uma aula de matemática na terceira série. Enquanto a professora explicava eu desenhava em uma folha. Um colega viu e contou a ela que veio em minha direção e tirou o papel de minhas mãos me ridicularizando em frente a turma.

Analiso que aquele desenho poderia ser utilizado como método de aprendizado em suas aulas. Mas diferente disso essa situação causou danos no meu processo criativo, não desenhava, tinha dificuldade para me expor e me tornei uma aluna introspectiva e insegura, fugindo de ser alvo de chacota e críticas maldosas.

Nas séries posteriores encontrava dificuldade em estar presa àqueles padrões, formatos e cores. Minhas atividades de artes não ficavam “boas”. Eu me enchia de expectativas, mas os desenhos e pinturas não eram “bons”. Naqueles anos, nas aulas de arte, não nos era apresentado obras de arte.

Encontrei a arte em literatura através da professora Flávia, que de maneira surpreendente nos motivava a pesquisa e ao conhecimento. Recordo-me de um livro utilizado em suas aulas *“Em Busca do Tesouro de Magritte”*, pela riqueza e encantamento das imagens. E em história com a professora Dilza, com a inovação dos materiais e recursos disponíveis na época, como videocassete e transparências.

Neste período o ensino de arte era “fechado” a desenhos impressos e orientações pré-estabelecidas, simplesmente reproduzimos o que nos era solicitado. Resultando prejuízo ao desenvolvimento, a criticidade e autonomia dos estudantes e das estudantes.

Nesse período a minha criatividade foi “aprisionada”, pois as propostas artísticas eram rigorosamente delimitadas em orientações, consistia em reproduzir as formas e a estética solicitada. O ensino era tradicional, o professor ou professora de arte frequentemente não tinham formação específica para a disciplina.

Nos anos finais do Ensino Fundamental (7^a à 8^a séries) fui transferida para um colégio público, Colégio Estadual Jardim Vila Boa. As mudanças me causavam medo e estranhamento. Mas para minha surpresa encontrei excelentes professores, porém nada mudou na disciplina de Artes, não me recordo de nenhum professor ou professora nesse período.

E assim como a arte estava na literatura e história, a arte estava presente nas aulas de ciências onde a professora nos desafiava de acordo com o conteúdo a fazer desenhos, geralmente do corpo humano. Era possível praticar e descobrir no desenho o prazer e a liberdade, através das linhas, curvas e cores

No Ensino Médio a aula de Educação Artística era considerada momento de entretenimento e distração. A professora pela proximidade da aposentadoria, não apresentava nenhuma proposta, suas aulas eram vazias e muitas vezes podíamos estudar ou fazer atividades de outros professores.

Não tínhamos na escola contato com obras de arte, exposições, contextualização sobre a História da Arte, nada que agregasse conhecimento e desenvolvimento crítico e reflexivo. Não havia acesso a pinturas, cinema, dança ou

teatro. O mais próximo que chegamos da arte e cultura, novamente, era através de literatura, história, ciência ou geografia.

Um fato que me favoreceu neste percurso enquanto estudante e ser pensante foi o grande repertório imagético que encontrava em casa. Meu pai, um grande leitor, possuía sua biblioteca particular, tinha assinatura da Veja e Isto É, além de nos presentear com a assinatura do HQ da Turma da Mônica, de Maurício de Souza que sempre trazia em suas temáticas questões e problemas atuais dentro da cultura popular, regional e do cinema.

Mais tarde, pudemos ter acesso aos programas de canal fechado, onde “viajávamos o mundo”, tínhamos as visualidades que antes nos eram negadas. Cinema, documentários, música, teatro e outros idiomas.

Nesta época havia no fundo de casa um cômodo que não era usado. Então o organizei e fiz daquele espaço, um local único, com tintas, papéis, pincéis e meus desenhos. Nesse espaço eu me conectava com a minha essência. Escrever, pintar, viajar, ser livre e livre de críticas.

No ano de 1996, aos 16 anos, tive meu primeiro filho no final do ensino médio. Me senti perdida e confusa. Mãe adolescente e solteira, mas terminei o ensino médio. Infelizmente guardei alguns sonhos e desejos bem fundo e ali ficaram.

Em 2000 iniciei o curso de Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), tranquei a matrícula em 2002, após uma separação e a morte de meu pai. A licenciatura em Artes Visuais veio-me como um presente e eu o agarrei me apegando a ele.

A arte tem o poder de transformar pensamentos, ideias, sentimentos e sensações e, através dela posso ir em direção a esta docente que eu gostaria de ter tido em cada etapa do meu processo de formação do ensino fundamental ao ensino médio. É preciso como professora estar atenta não apenas aquilo que está claro diante de você, mas aquilo que muitas vezes é sutil, a subjetividade do aluno, seu contexto e suas singularidades.

Já nos primeiros percursos ou semestres na Faculdade de Artes Visuais da UFG ficou o interesse pelas visualidades, as inúmeras possibilidades de expressão através das imagens. Manifestar sentimentos, afetividades, ideias e intencionalidades. As imagens são capazes de projetar emoções e sentimentos que não poderiam ser expressos de outra forma.

Educar e produzir conhecimento é uma das funções da imagem. O que me faz retornar na professora de matemática da minha infância e como ela poderia ter explorado as imagens em suas aulas, o quão enriquecedor teria sido. E é a partir dessas memórias e (re)significações que a tomada de conhecimentos dos meus processos formativos acontece, resultando uma mudança na forma de pensar e na tomada de decisões.

Através do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, foi possível compreender como estudante e docente em formação, que cabe ao professor:

[...] pesquisar, conhecer e aperfeiçoar continuamente no campo artístico e estético. Precisa encontrar condições para aprimorar-se tanto em saberes artísticos e sua história, quanto em saberes sobre a organização e o desenvolvimento do trabalho escolar. E saber proporcionar aos alunos condições para apropriarem-se criticamente dos conhecimentos e prosseguirem de forma sensível, intelectual e criadora (FERRAZ; FUSARI, 2009, p.27).

Voltando ao colégio onde cursei o ensino médio (Figura 4), agora como estagiária em Artes Visuais, não reencontrei nenhum dos professores da minha época. Essa oportunidade foi muito significativa, afinal os sentimentos se misturavam entre saudade e pesar.

Acompanhar algumas turmas do Ensino Médio em tempo Integral e a oportunidade de vivenciar a realidade de um professor de Artes Visuais em sala de aula. Os jovens muito conversadores e participativos das aulas, as novas tecnologias presentes neste contexto, com celulares permitidos e até utilizados como ferramenta de aprendizagem em aula, uma realidade bem distante da de 1997.

O professor Frederico ou Fredy (como é chamado pelos alunos) me inspirou e sem dúvida é uma referência pessoal. Sua prática é segura e fluente e não hesita ou se intimida diante de inúmeros questionamentos. Traz consigo o seu próprio projetor

e sempre apresenta slides com imagens relevantes, atuais que envolvem e despertam as turmas ao diálogo, a reflexão e a criticidade.

Figura 4. Sala de aula, Colégio Estadual Novo Horizonte.



Fonte: Acervo pessoal de Selma Ângela de Rezende (2019).

Infelizmente, nos percursos seguintes, devido a pandemia da COVID19, a qual nos acometeu, fomos impedidos(as) de estar nos espaços escolares de forma presencial, devido ao isolamento social. Durante o Estágio Supervisionado III, foi preciso fazer um curso junto a SME (Secretaria Municipal de Educação) e autorizados a estagiar no modo remoto, via Google Meet. Dessa forma, foi permitido a observação da sala de aula virtual.

Foi necessário um “desdobrar” dos professores (as) para continuar o processo ensino/aprendizagem da melhor maneira. Muitos professores (as) não estavam familiarizados com recursos tecnológicos e encontraram vários obstáculos. A adaptação aos aplicativos e plataformas de salas virtuais, os modelos de aplicação de conteúdo e atividades, avaliações e interação dos alunos, buscando da melhor maneira possível, minimizar os prejuízos do processo de aprendizagem e do enorme impacto conjuntural causando pelo distanciamento de professores e alunos. Um verdadeiro desafio.

Também foi visível a dificuldade dos (as) estudantes em se adaptar a este processo à distância, marcado pelo autogerenciamento, disciplina e práticas de estudo. Encontrar motivação em meio a desencontros e distanciamentos. É a exclusão escolar que cresceu devido à falta de recursos financeiros, acesso a aparelhos celulares, computadores, ou ainda acesso à banda larga.

Quando buscamos o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso e a metodologia escolhida, eu não imaginava o quanto essa busca consciente no resgate do “eu” poderia nos conectar tão profundamente ao “outro”. A partir desse processo afloram-se as vivências, portfólios, experiências que em conjunto produzem conhecimento.

Com isso intervir na realidade de vida como protagonista na produção e elaboração do conhecimento. Esse processo amplia o olhar sobre si, trazendo enriquecimento simbólico, fortalecimento interior e renovação de práticas sociais e da sua própria vida.

Nesse percurso enquanto graduanda do curso de licenciatura em Artes Visuais expressei gratidão a todas (os) professoras (es) que contribuíram para esse processo dolorido, mas que também é prazeroso (Figura 5). Reflito que a prática pedagógica é carregada de responsabilidade. Que tipo de marca deixaremos? Que não existam marcas traumáticas, mas que a sabedoria, produza marcas de afeto e acolhimento. O método de pesquisa (auto)biográfico permite

[...] situar a formação docente desde perspectivas que levem em consideração “experiência pessoal” do futuro docente “pode ter um valor de formação baseado na autoconsciência e na reconstrução narrativa da própria experiência”. (HERNANDEZ, 2011, p21 apud PEROTTO, 2018,p.154)

Enquanto graduandas de um curso de licenciatura, ao refletir sobre o próprio percurso formativo passamos a valorizar, também, as experiências de vida dos/as alunos/as como produtoras de conhecimento, de forma a atrelá-las aos conteúdos escolares.

Figura 5. Encontro presencial do curso. Espaço Cultural Cora Coralina. Goiânia.



Fonte: Acervo pessoal de Selma Ângela de Rezende. 2019.

4. “EU SOU NORMAL. O MUNDO É QUE É ESTRANHO.”

“Eu sou normal. O mundo é que é estranho” foi a resposta que recebi da Professora Aline Nunes, responsável pela disciplina Arte e Acessibilidade, que estou cursando na Universidade Federal do Sul da Bahia, dentro do PROMOVER (Programa de Mobilidade Estudantil). Na ocasião eu escrevi a ela por Whatzapp (Figura 7) informando que não conseguiria entregar as atividades finais no prazo pois estava atravessando uma crise de ansiedade por conta da escrita do TCC. Ela estendeu o prazo e eu agradei sua sensibilidade. Esse capítulo é sobre aspectos de ser normal que estou aprendendo desde o primeiro dia na escola.

Figura 7. Print de conversa no Whatzapp.



Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Guedes da Silva. 2021

Essa (auto)formação é construída por “tramas” diversas como dizia a Professora Lêda Guimarães em um encontro presencial que aconteceu em Goiânia no Centro Cultural Cora Coralina em 2019. A experiência prática desse encontro foi a realização de uma obra tramada em tiras de papel, a partir de referências pessoais. Esse trabalho foi uma homenagem a Agnes Varda, cineasta francesa que tanto me influencia até hoje.

É numa formação rizomática que vejo os novos saberes /teorias /práticas pedagógicas que inter-relacionados, apóiam o exercício do ensinar/ aprender arte. (GUIMARÃES, 2012, p.212).

Guimarães (2012) faz uma reflexão sobre formação superior em Artes Visuais e a sua atuação docente, questiona os padrões hegemônicos presentes no processo de ensino e aprendizagem, sugerindo alternativas democráticas e libertadoras. Acredito que a escolha metodológica que fizemos aqui, as narrativas (auto)biográficas formativas se fazem rizomáticas.

A estrutura reflexiva e analítica dessa narrativa (auto)biográfica apoia-se em Josso (2007)

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua freqüente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação. (JOSSO, 2007, p.414)

Sendo assim, compartilho experiências ao longo da minha vida acadêmica para me compreender enquanto sujeita da própria pesquisa. Faço isso a partir de narrativas que ocorreram na educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

As primeiras aulas que tive, foram na Creche Santa Rita de Cássia: Professora Silvia, afeto, primeiras palavras, manhãs de descoberta, desejo proibido, amigadas e esperança. Depois do almoço, soneca da tarde obrigatória, aula da Professora Marcilene, violência, traumas, incompreensão e rigidez nas avaliações.

Em uma atividade de artes, a Professora Marcilene entregou o desenho de uma macieira e nos orientou a colorir e colar maçãs feitas com papel crepom. Percebi que havia uma linha pontilhada que separava a macieira do restante da página, considerei uma sobra e cortei. Minha atividade foi amassada, levei uma reguada na mão e tive que refazer seguindo o padrão estabelecido pela professora. Demorei muito tempo para me aproximar de materiais artísticos e para aceitar que algum dia eu pudesse me tornar artista.

Se as tardes eram frias, as manhãs eram de afeto.

Desses anos iniciais na escola, consultei meus históricos escolares. Percebi que até a quarta série não tive Educação Artística, como era nomeada oficialmente a componente curricular Arte. Não me recordo de ter tido atividades significativas no campo das artes nesse período, o que me faz refletir sobre quais os impactos dessa ausência na formação de uma pessoa.

Conheci Paulo Freire com a minha tia Meire, que fez Pedagogia. O meu desejo era que algumas professoras, tivessem sido diferentes comigo e com outras crianças. Freire (2010) termina Pedagogia da Autonomia falando que o ato de ensinar exige querer bem aos educandos:

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (FREIRE, 2010, p.141)

Com exceção da sétima série, da quinta à oitava, tive aulas de Educação Artística. A argila que trabalho agora para a disciplina de Laboratório de Produção II, me fez voltar à oitava série. Na aula, a Professora Maria Madalena levou argila e nos orientou a fazer peças pequenas, tema livre. Na semana seguinte, entregamos nossos trabalhos à professora para que ela fizesse a queima das peças em sua casa e nos devolveu e seguimos em práticas colorir desenhos prontos, colagens e painéis decorativos.

No Ensino Médio parece ter um vácuo na minha memória quando penso sobre aulas de Artes. Fora da escola eu comecei a estudar música, mesmo sabendo que a arte não é priorizada nos sistemas públicos educacionais. Esse relato é sobre a falta de acesso a bens culturais também. Periferia está fora do mapa que levava a sessões de cinema, teatro e exposições de artes.

Houve um passeio ao teatro. Duas vezes levaram a gente ao cinema. Na primeira eu perdi o ônibus. O filme era Titanic e só vi muitos anos depois. Da segunda vez conheci o Cine Cultura. Assistimos ao filme O Tronco. Depois disso, eu comecei a trabalhar como menor aprendiz e, sempre que recebia o pagamento eu dava um

jeito de ir ao cinema. No terceiro ano do Ensino Médio, um professor de Física me perguntou que curso universitário eu escolheria. Respondi que gostaria de fazer Cinema. Me disse que não deveria perder tempo com isso (cinema) e sim tentar fazer matemática. Eu segui essa sugestão, mas não era o que eu esperava.

Eu conheci hooks (2018) fora dos currículos da Licenciatura em Artes Visuais, não me recordo como se deu esse encontro, suas palavras ressoam em minha autoformação

Cheguei à teoria porque estava machucada - a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguia continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender - aprender o que estava acontecendo a redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época um local de cura. (hooks, 2018,p83)

hooks não figura entre autoras que discutem em seus trabalhos a metodologia autobiográfica, mas essa característica está presente em sua escrita. Quando me desenhei lendo Ensinando a transgredir me dei conta de que o ato de desenhar era um jeito de me curar e continuar a jornada rumo à docência.

Finalizei o curso de Comunicação Social/Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás, com um trabalho sobre a minha orientação sexual. Meu primeiro TCC também foi de cura.

Em produções textuais sempre encontrei dificuldade, porém diante de inúmeras professoras sensíveis, pude realizar de maneira satisfatória esses desafios. O prazo para entrega sempre me aterrorizou e ainda hoje, me causa instabilidade. Com isso reflito sobre a minha futura prática enquanto arte-educadora é ser sensível e acolhedora comigo mesma.

Os padrões das instituições são violentos. Retornei para o curso de Audiovisual e terminei minha graduação no ano de júbilo. Jô Levy, foi muito além que uma orientadora, pois soltou minha mão. Foi um ano muito difícil, minha mãe adoeceu e mesmo diante de tanta adversidade a Jô esteve presente o tempo todo desse processo. “Cuide da sua mãe, o trabalho a gente vê depois!” e conseguimos. Tudo ficou bem.

Passei pela Faculdade de Letras, desisti. Agora estou aqui terminando o curso de Licenciatura em Artes Visuais (EaD), onde acredito ter encontrado um dos meus caminhos: à docência.

Assim como as professoras Aline, Silvia, e Jô citadas nesse trabalho, eu também quero ser normal. Porque afinal, o mundo é que estranho.

Na apresentação de TCC, compartilhei a foto abaixo (figura "8), e segui a sugestão da banca de incluí-la na versão final desse trabalho. Na ocasião eu comentei sobre o quão dolorido era rever essa imagem. Onde dividiam o quadro minhas duas primeiras professoras, a da esquerda representou a violência e a da direita, o afeto. O normal é se curar e seguir em frente, pois afinal eu sei que escolhi o lado do afeto e da resistência.

Figura 8. Minha turma da pré-alfabetização.



Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Guedes da Silva. 1991.

5. ENTRELAÇANDO HISTÓRIAS: CONCLUSÕES FINAIS DO “EU” PARA “NÓS” E PARA “TODOS”

O processo autobiográfico e a narração das histórias de vida é um trabalho transformador. É por meio da escrita e análise de nossas autobiografias que percebemos a quão rica são nossas vivências passadas/presentes e que elas colaboraram para a construção do nosso futuro profissional como arte-educadoras.

De acordo com algumas falas dos participantes, durante as vivências, ficou evidenciado que os relatos das histórias de vida permitiram a tomada de consciência de que cada ser humano possui a sua história, o seu eu autobiográfico. Muitos manifestaram do valor da vivência no sentido de “passar a conhecer os colegas ou outras experiências” que lhe possibilitaram maior compreensão nas relações humanas. Assim, podemos dizer que ao escutarmos a experiência do outro passamos a olhar a própria vida a partir de outras lentes.” (LOSS, 2015, p.11)

De maneira similar às considerações de Loss (2015) a respeito dos participantes de sua pesquisa, percebemos que nosso olhar sobre nós mesmas se transformou coletivamente ao longo dessa investigação em que nos tornamos sujeitos da própria pesquisa.

Quando iniciamos a escrita coletiva de nossas narrativas pudemos perceber que a autobiografia é esse lugar de fala, onde após muito tempo em nossas experiências vividas dentro do processo de formação em Artes, ainda que nos anos iniciais, havia a necessidade em se expor o quanto a homogeneização no ensino tem roubado a identidade de alunos e professores, o que da mesma forma nos assombrava com as condutas docentes em sala de aula e as atividades padronizadas sem finalidade crítica ou reflexiva, além da ausência de cuidados ou respeito a subjetividade dos alunos e seu contexto sociocultural.

Através das narrativas autobiográficas no percurso de formação docente é possível que professores e alunos possam recuperar o interesse e a vontade pela arte e a educação, através do exercício compartilhado de fazer escolhas e antecipar novas ações (MORAES, 2009, p.3910).

Eu Selma, acredito de forma particular que nossos processos e narrativas se entrelaçam muito antes da graduação. Foi lá atrás, em nossas primeiras descobertas, nossos primeiros obstáculos, essas nossas memórias dos anos iniciais da

alfabetização de nomear as vivências e absorver significados. Lembranças prazerosas e outras traumáticas. Percorremos caminhos distantes umas das outras, mas ao mesmo tempo estivemos próximas.

O sorriso com o lápis de cor na mão, a escolha pela cor no papel, o olhar inocente ao ver arte em tudo, nas folhas, nas flores, na forma com que a água forma uma poça no chão, a fumaça subindo ao céu. Nosso encontro se deu na graduação, mas nossas narrativas já estavam entrelaçadas há muito tempo. Então nossos desejos pela docência se encontraram novamente, desejo pela Arte Educação. Por buscar uma postura diferenciada, uma postura ética, humana, sensível e de afeto.

Eu Silva, considero a fala de Taveira (1996, p. 51 apud GUIMARÃES, 2013) que diz: “Penso nas relações que tecem fios entre pessoas, objetos e símbolos; relações de sentidos”, para dizer que foi em meio a maior crise sanitária mundial (Covid-19) vivida até o presente momento.

Eu, Patricia e Selma, fomos tensionadas pelos fios das nossas narrativas, entrelaçadas por fundamentos, metodologias, conceitos, temáticas e técnicas. Então aprendemos a aprender o que ensinar e juntas tecemos uma trama (monografia) que nos tornou tecido resistente, composto por fibras mistas (nossas histórias), com propósito de acolher de forma afetiva os nossos futuros alunos.

Apesar das diferenças, nossas histórias se conectam. Assim como a Selma teve sua criatividade castrada por uma professora na aula de matemática e a Patrícia agredida fisicamente por uma professora, sofremos pelo descaso, pelo abuso e pelo excesso de rigor. E assim como diz o ditado popular que: “O que não me mata, só me fortalece”, nada disso foi suficiente para destruir o sonho de ser arte-educadora.

Obstinadas em não repetir as mesmas falhas que cometeram contra nós. Não queremos reproduzir aspectos que nos machucaram, portanto utilizar nossas memórias, é um instrumento para não cometer os mesmos erros, buscando ver em meus futuros alunos aquela criança que um dia também fomos.

Para isso, pretendemos atuar de forma ética, respeitando a criatividade e subjetividade dos meus futuros alunos, motivando, indo além das propostas curriculares e buscando compreender as necessidades de cada um.

Eu, Patrícia compreendi que escutar, ler e produzir as nossas autobiografias no processo (auto)formativo me fez perceber o quanto é importante voltar a pesquisa para si mesma. Aplicar essa consciência de uma futura arte-educadora na minha prática daqui para frente é não agir de maneira violenta, como anteriormente agiram conosco e encontrar possibilidades de afeto no processo de ensino aprendizagem em arte.

A descoberta de si mesma é um exercício muito importante na formação de qualquer pessoa, por isso nós arriscamos a escrever sobre nós mesmas. Esse entrelaçamento tem muito das referências pessoais e acadêmicas que compartilhamos aqui e como grande parte de nossas memórias está nas escolas, por onde passamos, foi esse o recorte investigativo.

Neste exercício consciente de apropriação do nosso percurso formativo, como docentes em formação reconhecemos o sentido de cada escolha que fazemos e temos clareza que podemos fazer outras. Para Moraes

A incapacidade da escola em lidar com as individualidades por meio de uma perspectiva coletiva é uma grande amarra que a impede de contribuir para a formação do sujeito, pois, de um modo geral, esse espaço oferece uma única moldura para o enquadre de todos os que nela estão, como se um mesmo formato e cor fossem suficientes para harmonizar os feitos, anseios, representações, desejos, necessidades e frustrações de cada pessoa. (MORAES, 2009, p.3910)

Compreendendo a lógica da sua formação, o sujeito amplia sua capacidade de questionar seus próprios valores, ideias e prática. O que segundo Santos e Garms(2014) possibilita um melhor desenvolvimento pessoal e profissional.

Como Moraes (2009) propôs, distanciar-se criticamente de nós mesmas ao mesmo tempo em que nos reaproximamos faz construir um projeto de docência consciente da importância de histórias individuais.

Que Arte-Educadora almejamos ser? Talvez o oposto das que conhecemos nos percursos iniciais de nossa formação. Uma arte-educadora compreensiva como a Silvia necessitava em seu trajeto, uma arte-educadora afetiva como a orientadora do TCC que a Patrícia teve em sua primeira graduação. Uma arte-educadora que regue e fertiliza a criatividade de seus alunos e não os cale como no caso da Selma.

Percebemos que reflexos dessas vivências nos acompanharam até nossa fase adulta e iniciamos um processo de cura através da escrita autobiográfica. O que nos leva a valorização das subjetividades e histórias de vidas dos alunos.

Queremos ser mediadoras, ouvintes, críticas, atentas, comprometidas, ser afeto, ser degrau, ser multi, sermos um pouco das arte-educadoras que encontramos na graduação, ser Noeli, Valéria, Lêda, Alice, ...

REFERÊNCIAS

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva, PALMA, Fabiana Lopes e DOLCI, Adriana. Rosana Paulino: a costura da memória. São Paulo, 08 de dezembro de 2018. Disponível em <https://pinacoteca.org.br/programacao/rosana-paulino/>. Acesso em: 03 de junho de 2021.

E SILVA, M. B. Memórias de vida-formação de mulheres professoras. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, v. 5, n. 15, p. 1407-1420, 11 out. 2020.

FERRAZ, M. H.C.T e FUSARI, M. F. R. Metodologia do Ensino de Arte: Fundamentos e proposições. São Paulo: Cortez, 2009.

FREEDMAN, K. Cultura visual e identidade. Cuadernos de Pedagogia. Barcelona, n.312, p.59-61.2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GUIMARÃES, Leda. Variações em torno dos jogos estéticos, artísticos e pedagógicos no ensino “superior” de artes visuais - DOI 10.5216/vis. v3i1.17935. Visualidades, [S. l.], v. 3, n. 1, 2012. DOI: 10.5216/vis. v3i1.17935. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17935>. Acesso em: abr. 2021.

GUIMARÃES, Leda Maria de Barros. Coleção Tramas e Urdumes; 6. Goiânia: Funap, 2013.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2018.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Trad. de Maria do Carmo Monteiro Pagano. Artigo recebido em: junho/2007. Aprovado em: agosto/2007. Educação - Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito...ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) O método (auto)biográfico e a formação. Tradução: Maria Nóvoa.2ed. Natal-RN:EDUFRN. 2014. p 57-76.

MARCELLO, Carolina. Frida Khalo:vida e principais obras. Cultura genial. Disponível em<< <https://www.culturagenial.com/frida-kahlo/>>> Acesso em 3 junho 2021.

MORAES, Sumaya Mattar. Memória e reflexão: a biografia como metodologia de investigação e instrumento de (auto)formação de professores de arte. In: 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais. ANPAP, Salvador, 2009.

MOURA, Eliana Peres Gonçalves. Da pesquisa (auto)biográfica à cartografia: desafios epistemológicos no campo da psicologia. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online], n. 19, p. 20-28. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt .. Acesso em, nov.2020.

LEONILSON. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em:<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8742/leonilson>>. Acesso em: 02 de junho de 2021.

LOSS, Adriana Salete. A autoformação no processo educativo e formativo do profissional da educação. In: 37ª Reunião Nacional da ANPEd. 04 – 08 out.2015, s/p. UFSC – Florianópolis.

MEREDIEU, Florence de. O desenho infantil. São Paulo: Cultrix, 1974.

NÓVOA, Antônio. Professores Imagens do futuro presente. Educa: Lisboa, 2009.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) O método (auto)biográfico e a formação. Tradução: Maria Nóvoa. 2ed. Natal-RN:EDUFRN.

PEROTTO, Lilian Ucker. Reflexões entre pesquisa e experiência biográfica na formação de arte-educadores. Revista Digital do LAV, Santa Maria: UFSM, v.11, n.2, p. 147-165, mai./ago. 2018.

SANTOS, Héllen Thaís Dos Santos; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método Autobiográfico e Metodologia De Narrativas: Contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: Congresso Nacional de Professores (2.: 2014: Águas de Lindóia); Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores (12. : 2014 : Águas de Lindóia) Anais [do] 2. Congresso Nacional de Professores [e] 12. Congresso Estadual sobre Formação de Educadores [recurso eletrônico]: 7 – 9 abril, Águas de Lindóia / Universidade Estadual Paulista, Pró-reitora de Graduação. – São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de; PASSEGGI, Maria da Conceição. Apresentação. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 327-332, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982011000100014&lng=en&nrm=iso. Acesso em abril 2021.